

Multinacionais não se assustam com Lula

A Shell planeja investir US\$ 207 milhões no País nos próximos dois anos e a possibilidade de chegar à Presidência da República o candidato de esquerda, Luís Inácio Lula da Silva, parece não assustar a empresa. Segundo seu presidente, Robert Broughton, o novo governo, qualquer que seja o eleito, deve ter como primeira prioridade o combate sério à inflação e a criação de um clima propício a novos investimentos produtivos.

— Dentro dessa suposição, não vemos nenhuma razão para modificar nossos importantes investimentos nas áreas de distribuição de petróleo, alumínio, química e reflorestamento, disse ele a propósito da possibilidade do candidato de esquerda, Luís Inácio Lula da Silva, ser o vencedor do segundo turno. Para o presidente da multinacional, o combate à inflação e o incentivo ao setor produtivo propiciarão os avanços tão desejados e necessários nas áreas de saúde, educação, habitação, transportes, além de melhorar o salário real per capita do trabalhador.

A Shell vai investir, somente no pólo petroquímico do Rio de Janeiro, US\$ 207 milhões para a construção de quatro unidades industriais de produção de matérias-primas para tintas, plásticos e agroquímica.

O diretor-geral da Volvo do Brasil, empresa de capital sueco, Oswaldo Schmitt, também acha que o candidato do PT não oferece perigo, desde que deixe as empresas trabalharem, gerando riquezas e oferecendo pleno emprego. A Volvo deve faturar neste ano US\$ 320 milhões e é líder na exportação de caminhões pesados.

Oswaldo Schmitt considera que o Brasil tem agora a chance de se abrir para o mercado mundial, e integrar-se às grandes economias européia e norte-americana. Ele acha que os programas econômicos dos dois candidatos ainda estão muito obscuros e lembra que nem sempre o discurso nos palanques corresponde à prática na hora de executar as ideias.

O importante, para o presidente da Volvo, é que o novo presidente — seja ele Lula ou Collor — diminua o tamanho do Estado e o déficit público e, em consequência, incentive o setor privado produtivo. “As empresas querem

é trabalhar”, disse Schmitt.

“O momento é de expectativa, ainda não estamos preocupados com candidatos, e sim com o que o presidente vai fazer quando assumir, seja quem for.”

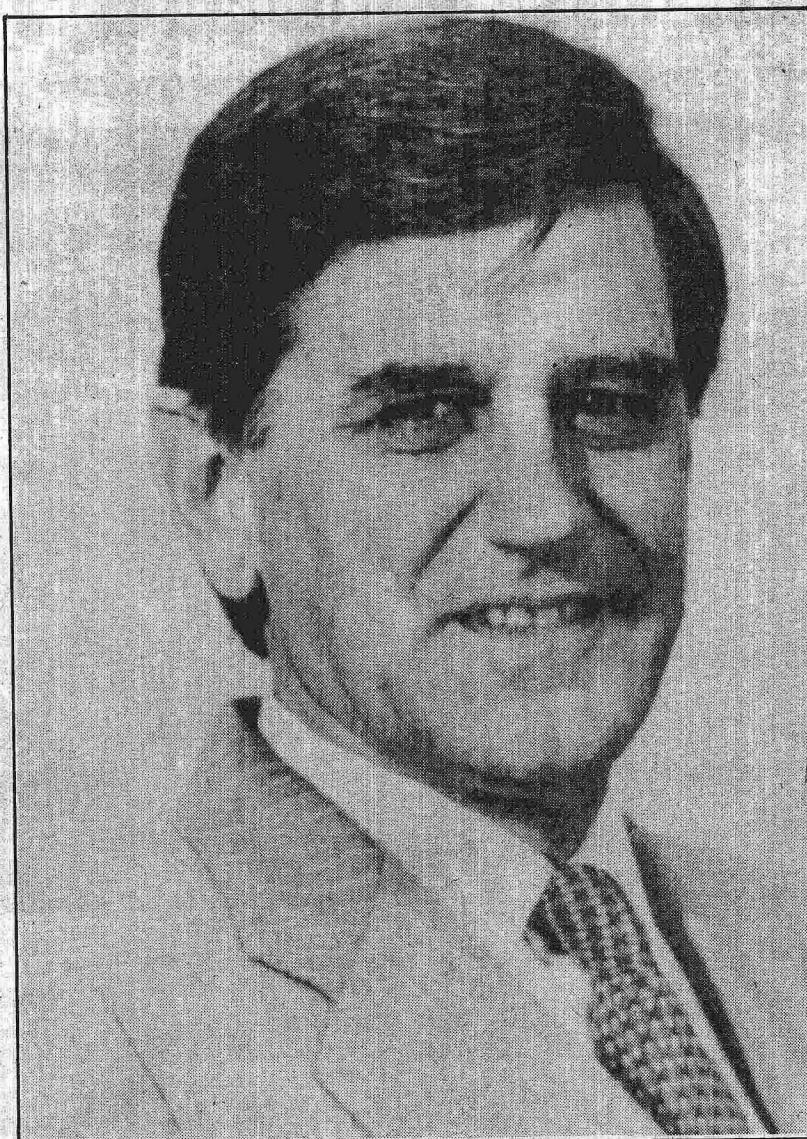
“O Lula não me preocupa”, diz o presidente da Câmara Italo-Brasileira de Comércio, Giorgio Gras. “O que deve preocupar são os gastos públicos. Mas ele precisa perceber que os países socialistas estão mudando e querem agora um novo regime, que não é nem o capitalismo nem o comunismo.”

Alguns dirigentes de multinacionais acreditam que, por uma questão de cultura empresarial, as companhias estrangeiras instaladas no Brasil conviveriam muito mais facilmente com um governo de esquerda do que as empresas privadas nacionais. Lembram, ao mesmo tempo, que não se deve tomar exatamente ao pé da letra as propostas de campanha eleitoral.

A Autolatina, de qualquer forma, dá muito mais importância ao cenário econômico do que ao candidato que vencerá o segundo turno da disputa eleitoral, pondera o vice-presidente de assuntos corporativos, Miguel Jorge. A empresa ainda não começou a fazer análise de tendências para o próximo governo, mas desde já não conta, por exemplo, com uma recessão. No máximo, um crescimento zero. Assim, a projeção de venda global de 610 mil automóveis no mercado interno, que o setor automobilístico considera factível para este ano, é mantida para 1990. A Autolatina não espera ainda, um congelamento de preços, mas não deixa de trabalhar com essa hipótese.

“Também achamos difícil que o próximo presidente da República promova um calote da dívida interna, até porque os dois candidatos falam na necessidade de preservar a poupança do público”, afirma Miguel Jorge.

A queda da inflação, independentemente do nome do vencedor, também é tida como certa pela Autolatina que, seja como for, manterá os investimentos programados de US\$ 1,5 bilhão até 1993, US\$ 300 milhões dos quais no próximo ano. Prova disso, afirma Miguel Jorge, é o lançamento de um novo modelo de carro, programado para depois da posse, em abril ou maio.



Broughton: combate à inflação é o prioritário.